

**A crítica saeriana nos ensaios “El Concepto de Ficción” e  
“La Narración-Objeto”: A ficção como jogo entre subjetividade e objetividade**

***Saerian criticism in the essays “El Concepto de Ficción” and “La Narración-  
Object”: fiction as a game between subjectivity and objectivity***

Raquel Alves Mota<sup>1</sup>

Recebido em: 12/07/2020

Aprovado em: 11/08/2020

Publicado em: 20/12/2020

**RESUMO:** Juan José Saer (Santa Fe, 1937 – Paris, 2005) se preocupa de forma sistemática com a elucidação do conceito de ficção. Esse problema ultrapassa os textos críticos e emana também no universo ficcional de forma a quase suspender a diferença entre esses dois tipos de textos. A questão fulcral aqui é mostrar como nos ensaios “El concepto ficción”(1997) e “La narración-objeto”(1999), Saer discute a ficção, tendo como base as relações entre as noções de subjetividade e de objetividade nos textos ficcionais, problematizando também os chamados textos objetivos. O primeiro ensaio lança o conceito de ficção como uma antropologia especulativa, dando ênfase ao aspecto subjetivo. Em “La narración-objeto”, há um trabalho pormenorizado em mostrar o texto como artefato, como objeto. Saer se indaga, então, sobre as diferenças entre os textos ditos objetivo e subjetivo, mostrando as nuances de subjetividade no texto objetivo, bem como o tratamento específico do real no ambiente da ficção. A subjetividade norteia a discussão, já que o próprio conceito de ficção de Saer se apresenta como o lugar da especulação humana. A ideia de “narração-objeto”, do segundo ensaio, também é uma forma de problematizar a presença da subjetividade, tanto na ação narrativa, quanto no próprio conceito de objeto.

**Palavras Chave:** Ficção; Objetividade; Subjetividade.

**ABSTRACT:** Juan José Saer (Santa Fe, 1937 - Paris, 2005) is systematically concerned about elucidating the concept of fiction, a problem that transcends critiques and also emanates from fictional universe in such a way as to nearly halt the difference between these genres. The key issue here is pointing out how in the essays “El concepto ficción” (1997) and “La narración-objeto” (1999), Saer discusses fiction, based on the relationships between both the notions of subjectivity and objectivity in fictional texts, and also problematizes the professed objective texts. The first essay addresses the concept of fiction as speculative anthropology, emphasizing its subjective aspect; in “La narración-objeto” there is a detailed work in showing the text as an artifact, an object. Saer then wonders about the differences between the professed objective and subjective texts, indicating the nuances of subjectivity in the objective text, as well as the specific treatment of reality in fictional environment. Subjectivity guides the discussion, since Saer's own concept of fiction is presented as the place of human speculation. The idea of “object-narration”, from the second essay, is also a way of problematizing the presence of subjectivity, both in the narrative action and in the concept of object itself.

**Keywords:** Fiction; Objectivity; Subjectivity.

## INTRODUÇÃO

Os ensaios “El concepto de ficción” e “La narración-objeto” fazem parte dos livros homônimos<sup>1</sup>, nos quais a questão central é pensar sobre a escrita ficcional. A escolha desses dois ensaios – dentre tantos que compõe a obra crítica de Juan José Saer (1937 – 2005) – é justificada por representarem uma postura de continuidade de pensamento, e por apresentarem-se mais teóricos. Saer condensa em “El concepto de ficción” aquilo que é defendido por ele nos outros ensaios escritos, desse livro homônimo, e nos outros que escreverá posteriormente. Percebe-se no ensaio “La narración-objeto” outro passo importante de reflexão, Saer sintetiza novamente suas ideias de forma a avançar no seu próprio conceito de ficção. É sabida essa preocupação recorrente de Saer com o seu projeto de escrita, levando-o a depurar o próprio envolvimento com os mecanismos da ficção. O esmero em perseguir a consolidação de uma teoria conduz esse discurso também ao universo ficcional. A distorção dos limites entre ficção e crítica ou o autotematismo<sup>2</sup> ficcional corrói as fronteiras entre esses dois universos, problematizando ou encenando o próprio conceito saeriano de ficção.

### Perspectiva teórica entre os dois ensaios saerianos

Uma das teses centrais do ensaio “El concepto de ficción” é a questão da subjetividade: para Saer, o estatuto de realidade ou de ficção se subordina ao posicionamento daquele que enuncia. A ficção funciona como ferramenta para a especulação sobre o real ou projeta-se como, também, enunciadora de conhecimento. Os limites mais dilatados do texto ficcional proporcionam que o sujeito experimente outras perspectivas na aproximação com as coisas. O primeiro ponto sublinhado no ensaio é a relativização da verdade ou sua dependência em relação ao estatuto que o sujeito lhe confere. Saer se distancia da ideia de que a subjetividade esteja exclusivamente no ficcional e, também, repudia o pensamento que caracteriza a realidade como o campo da pura objetividade. Tentando deslocar-se dessas duas posições, Saer defende que a chamada *non-fiction* apresenta, também, um repertório de subjetividade, em sua forma e conteúdo:

*[...] [a]un cuando la intención de veracidad sea sincera y los hechos narrados rigurosamente exactos – lo que no siempre es así – sigue existiendo el obstáculo de la autenticidad de las fuentes, de los criterios interpretativos y de las turbulencias de sentido propios a toda construcción verbal (SAER, 1997, p.10).*

---

<sup>1</sup> “El concepto de ficción”, ensaio de 1989, publicado em 1997, no livro homônimo: *El concepto de ficción*. Em 1999, Saer publica “La narración-objeto”, que está contido no livro homônimo: *La narración-objeto*.

<sup>2</sup> Conceito de Premat (2002, p.16) a respeito do gesto meta-ficcional de Saer em sua obra.

A mediação do fato – em todos os tipos de relato – gera conflito quanto ao seu valor objetivo. A própria confluência do acontecimento ao ambiente do relato já possibilita conceituá-lo como uma construção; Saer sublinha esse fato, quando se posiciona em relação à questão da interpretação. A subjetividade está presente no relato dito objetivo: o movimento de leitura e a concatenação dos acontecimentos acentuam o papel do enunciador. Essa discussão era promissora, na época de publicação do ensaio, e denuncia os paradigmas da ficção saeriana.

A importância do reiterado gesto saeriano, ao pôr em discussão os limites da ficção, preocupando-se com uma teoria que possa decompor os elementos do objeto ficcional, justifica-se não pelo fato de o autor querer delimitar os espaços do ficcional e da realidade; ao contrário, Saer se interessa pela discussão no sentido de relativizar, em determinado grau, o distanciamento entre essas duas instâncias. A questão é problemática, já que a intenção do escritor é pôr em evidência a artificialidade dos recursos objetivos dentro do relato ou sua dependência de uma interpretação. Saer retoma a discussão, em todos os seus escritos, no sentido de sublinhar o estatuto da ficção e deslindar um de seus elementos: o próprio gesto de segmentação da verdade, de apropriação do objetivo.

[...] [a]l dar un salto hacia lo inverificable, la ficción multiplica al infinito las posibilidades de tratamiento. No vuelve la espalda a una supuesta realidad objetiva: muy por el contrario, se sumerge en su turbulencia, desdeñando la actitud ingenua que consiste en pretender saber de antemano cómo esa realidad está hecha (SAER, 1997, p.12).

Saer, após esse trecho, decompõe a ficção em dois elementos: “el carácter doble de la ficción, que mezcla, de un modo inevitable, lo empírico y lo imaginario” (SAER, 1997, p. 12). Quando a ficção põe em discussão a verdade – o empírico –, o objetivo é promover a si mesma ou estruturar os seus próprios elementos. A verdade se revela como um conceito problemático, para Saer um lugar *incierto*, porque seus limites não são plenamente definíveis. A ficção, por outro lado, é o espaço da experimentação, ambiente em que se pode jogar com as fissuras do real. A dificuldade de se conceituar a ficção está na complexidade dos elementos que a compõem ou no próprio manuseio subjetivo do elemento empírico.

Saer busca redimensionar o conceito de ficção não como espaço exclusivo de subjetividade e nem mesmo como reduto do falso. A ficção se mostra como espaço de perspectivação do real ou como forma de “submergir-se na turbulência da realidade objetiva” (SAER, 1997, p. 9). É no ambiente ficcional que se procura superar as diferenças entre o objetivo e o subjetivo ou, também, entre o real e a ficção. O projeto

**MOTA, R.A.**

ficcional se encontra no gesto de que se recorre “[...] a lo falso, lo hace para aumentar su credibilidad” (SAER, 1997, p. 9). Saer continua, mas “[...] la ficción no solicita ser creída en tanto que verdad, sino en tanto que ficción” (SAER, 1997, p. 9). Ou seja: o estatuto da ficção é realçado na liberdade de trabalho com elementos diversos e, principalmente, na requisição do seu próprio lugar, o de ser ficção.

Saer se posiciona afirmando que a ficção não almeja ser recebida como verdade, apesar de se forjar com os elementos do mundo objetivo. O seu autodesnudamento (ISER, 2002, p. 955) implica mostrar-se como ficção, ao mesmo tempo em que se assume como um espaço de interdependência com o mundo real. Esse movimento de autorrevelação se mostra como gesto de apropriação do espaço ficcional ou de liberdade para o “manuseio” do real. Na impossibilidade de atingir a coisa em si mesma, de recobrir o objeto em sua integralidade, a ficção se apresenta como o espaço em que se podem reformular as filigranas do real. A ficção – liberta das cadeias do real ou da imposição a uma verdade – torna-se mais propícia a atingir esse lugar. Essa contradição é explicada pela capacidade da ficção de encenar modos de relação com o mundo; e no caso das Artes, por meio da multiforme representação midiática do mundo.

Nessa interlocução com Iser, no escopo de revelação de um conceito de ficção, é perceptível algumas dessesemelhanças no foco da análise, já que Saer, em *El concepto de ficción*, se ocupa com questões formais da constituição do texto ficcional e, por seu turno, Iser destaca potencialmente o efeito estético.

Saer prioriza a constituição do texto; ou seja, o imaginário pertence ao autor, ao processo de feitura da obra. A relação do homem com o mundo se desenvolve na conjunção do acontecido com o que poderia acontecer, segundo a capacidade imaginativa do autor. (...) A ficção se mostra como esse conjunto do empírico-objetivo e das variantes de uma interpretação do sujeito criador. Em Iser, o ficcional é (...)acontecimento. É a representação de um processo a que é sujeito um dado recorte da realidade que, desvinculado de sua origem, ganha novas conotações dentro do novo espaço: o texto. Essa garantia de ficcionalidade revela-se pelo rearranjo dos elementos, gerido pelas forças que agem no texto, representadas pelos “atos de fingir”. (MOTA, 2011, p. 3)

Antecipando o outro ensaio, em “La narración-objeto”, Saer aborda não mais o momento de criação da obra de arte, mas o relato já concluído, explorando outro foco da questão da imaginação como elemento determinante do ficcional: o seu vínculo receptivo. Nessa abordagem, o liame estreito, já delineado no outro ensaio, entre realidade e ficção, acentua-se. A relação de complementaridade entre os dois campos se processa na intermediação receptiva desses dois lugares. Os leitores são assediados pelo texto que, na absorção mental, equipara-se a uma realidade experienciada; ou melhor, a indefinição

cognitiva desses dois lugares faz com que o relato seja gerido com o mesmo procedimento da realidade vivida:

Al mismo tiempo que objeto verbal, el relato es también objeto mental, y vive en la memoria y en la imaginación de sus destinatarios liberado de su condición verbal. En tanto que recuerdo imaginario, su exigencia mental no es menos problemática que la de los recuerdos llamados reales, pero podríamos decir que en cierto sentido es más verificable que la de estos últimos, porque, si hay un texto, podríamos recurrir a él cuantas veces sea necesario para verificarlo. (SAER, 1999, p. 24).

A liberdade de criação é, para Scavino (2004), um ato de nomear, de trazer as coisas à existência. Pensando a metafísica do texto ficcional, Scavino percebe essa perspectiva teórica em Saer: “la cuestión del ser y la del nombrar son, para Saer, equivalentes” (SCAVINO, 2004, p.11), e:

[p]oco importa entonces que alguien escriba en prosa o en verso, o que sus textos no formen parte de lo que los suplementos de cultura y las academias consideran poesía o literatura: el lenguaje poético es un acto cosmogónico y, en este aspecto, un retorno a esa dimensión de la palabra olvidada por el uso comunicativo, o funcional, de la sociedad cotidiana. Nombrar originaria o poéticamente significa extraer una cosa del fondo indiferenciado y caótico de la materia visible, de manera semejante a como el Golem surgió de una masa informe cuando el rabino praguense encontró el nombre apropiado para llamarlo (SCAVINO, 2004, p. 9).

Esse posicionamento é revelado quando Saer defende a relatividade entre diferentes tipos de textos; a partir dessa discussão, a relação do sujeito com o mundo é posta em debate. A vivência é equiparada com a experiência artisticamente representada na literatura. Assim, como afirma Scavino, em Saer, “pensar a linguagem poética é pensar a origem da própria objetividade” (SCAVINO, 2004, p. 12). É a partir dessa ideia que a discussão filosófica adentra tanto os ensaios teóricos e críticos de Saer quanto seus romances.

O gesto poético de nomear as coisas está em consonância com o processo de vivência: o nomear é o advento da própria coisa<sup>3</sup>, a palavra traz o ser à existência. A essa interação profunda com o mundo, Scavino<sup>4</sup> denomina “dimensión poética u ontológica de

---

<sup>3</sup> No desenvolvimento do raciocínio de Scavino é perceptível relações com o pensamento do frade franciscano inglês, Guilherme de Ockham (1285-1347), com o nominalismo. Scavino defende que Saer postula o mundo pela palavra, assegura-se a defesa de um processo de particularização das coisas por meio da experiência das personagens, a existência precede a essência. Há, então, conexão com o nominalismo, já que “[P]erseguido o objetivo de parcimônia, Ockham também limita a lógica e a metafísica ao nominalismo, ou seja, a única fonte de conhecimento é a intuição sensível – grande precursor do empirismo moderno – e ela só se pode conhecer entes singulares, de tal forma que o nome atribuído a um conjunto de particulares é a única categoria epistemológica universal que existe” (FERREIRA, *Pensar*, 2016, p. 282).

<sup>4</sup> Outra possibilidade de diálogo da obra de Saer com o nominalismo, perceptível na posição de Scavino, pode ser estabelecida com Umberto Eco, que em *O nome da rosa*, cita *De Contemptu Mundi*, do monge beneditino Bernardo Morliacense, séc. XII, adaptada por Eco para “Stat rosa pristina nomine / Nomina nuda tenemus”, traduzindo-se por “a rosa antiga está no nome, e nada nos resta além dos nomes”. Essa relação com Umberto Eco é assegurada no próprio ensaio *El concepto de ficción*, já que Saer contrasta a posição de escrita de Eco com Borges, em razão da discussão da própria concepção de ficção defendida por cada um dos escritores.

**MOTA, R.A.**

la palabra” (SCAVINO, 2004, p. 12). A postura fenomenológica das personagens requer um aprofundamento no interior do próprio mundo. Saer pensa, iterativamente, esse movimento das personagens em direção ao mundo, em esforço para ultrapassar as aparências e alcançar “a coisa em si mesma”.

Quando acima se pontuou a centralidade do conceito de ficção como um lugar, uma instância que se reconhece como tal, a importância disso é que as pessoas do discurso se posicionam em função do espaço que ocupam: o “[...] autor pide permiso para tratar el universo a su manera” (SAER, 1997, p. 13). A ficção se contrasta com os relatos ditos *non-fiction*, por seu caráter de autodesnudamento ou por se autodefinir como ficção. Não se pode esquecer que Saer se recusa a definir o real – posiciona-se contrário à possibilidade de se alcançar uma definição nesse sentido – e, por outro lado, defende certo radicalismo em relação ao texto ficcional: tudo pode ser considerado ficção. Saer reconhece que escreve ficção e não quer se distanciar dessa posição, mas percebe que os universos da realidade e da ficção – presentes no interior do texto narrativo – se mostram em função do projeto de enunciação, ou do ato de se designar ou não como ficção. No entanto, no bojo do texto reconhecidamente ficcional, Saer defende uma relação pujante com a verdade: na liberdade – ali encontrada – em estruturar traços diversos no desenho do real.

O essencial, aqui, é afirmar que, quando Saer discute – dentro dos próprios limites da ficção – a questão do verdadeiro e do falso, seu objetivo é sublinhar a liberdade de perspectiva dos relatos ficcionais. O importante nos romances, em particular, não é o estatuto de verdade ou de mentira, mas a ideia de que é possível aproximar-se do real por meio da narrativa ficcional e, também, a ideia de que o real se encontra distante de qualquer tipo de apropriação totalizante.

No mencionado ensaio, Saer toma como exemplo daquilo que lhe interessa, na relação entre realidade e ficção, a obra de Borges, que “[...] no reivindica ni lo falso ni lo verdadero como opuestos que se excluyen, sino como conceptos problemáticos que encarnanla principal razón de ser de la ficción” (SAER, 1997, p. 15). Prestigioso, para Saer, é o ato de pôr em questão a representatividade, nos limites do próprio romance; discute-se a capacidade de apreensão do mundo ou a relação com o real, com a totalidade.

Essa demanda da ficção – a leitura do mundo – torna-se, também, uma iterativa preocupação com os mecanismos da representatividade, um dos temas recorrentes do romance. A questão da apreensão do mundo é, então, posta a descoberto. Esse eixo metaficcional de discussão proporciona que a dinâmica entre sujeito e mundo seja tocada ou que as instâncias do mundo real se mostrem na problemática da percepção. Quando,

**MOTA, R.A.**

nos romances, se discute a representatividade, Saer se aproxima do dilema da apreensão do mundo; essa questão é acentuada, por exemplo, em *El río sin orillas* (1994), na medida em que o rio é reproduzido como personagem da própria obra: a problemática de representação do rio se transmuta no dilema do próprio discurso ficcional. O espaço apresenta-se, ademais, como invólucro e substância que contém as ações e os personagens, um agente que modula a relação das personagens no mundo.

No final do ensaio, Saer conceitua a ficção como uma “antropologia especulativa”: “[...] [a] causa del aspecto principalísimo del relato ficticio, y a causa también de sus intenciones, de su resolución práctica, de la posición singular de su autor entre los imperativos de un saber objetivo y las turbulencias de la subjetividad” (SAER, 1997, p. 16). A questão do “aspecto principalísimo del relato ficticio” se relaciona, talvez, com a discussão anterior ou com a posição do texto em relação à representatividade do mundo. Quando se fala das intenções do texto – essa questão é intermediária ao problema da representatividade – o foco se volta para o sujeito e ao conceito final formulado por Saer, que pontua que a ficção, “[...] aunque se afirmen como ficciones, quieren sin embargo ser tomadas al pie de la letra” (SAER, 1997, p. 16). Essa assertiva é um paradoxo, mas resulta da conclusão de que a ficção adquire um papel importante na problemática do mundo ou enfileira-se a outros tipos de discurso no projeto de pensar o próprio mundo.

O terceiro ponto do conceito se relaciona com o pensamento anterior – se entendido como aspecto prático aquilo que é integrado ao mundo – e, dada a interpretação dúbia da noção de “*resolución*”, pode ser, também, uma investida no projeto formal do texto. A questão da subjetividade encerra as causas elencadas por Saer no afã de justificar o seu conceito. Na verdade, todas as causas relembram a questão da subjetividade; a própria expressão “antropologia especulativa” acentua um projeto de busca e investigação do homem, de um inventariar a si mesmo e sua condição no mundo. A ficção se mostra – por meio do conceito saeriano – como um espaço de subjetividade e de promoção da relação do homem com o mundo.

Em 1999, Saer publica um dos textos-base de seu pensamento crítico-teórico: “La narración-objeto”, que também encabeça o livro homônimo. Esse é o último livro de ensaios que Saer publica em vida, e a sua importância está na continuidade da discussão do caráter da narração, principalmente na sua vertente ficcional. Esse ensaio chama atenção, primeiramente, pela composição do seu título: “narración-objeto”, por essa junção de palavras. Percutando essa primeira questão, Saer inicia esse ensaio com a problemática entre “objeto” e “narração” e trabalha a noção de objeto, defendendo que “[...] [d]e manera implícita o explícita, la noción de objeto está en el centro de toda

**MOTA, R.A.**

filosofía. De manera implícita o explícita (pero sobre todo implícita), la ficción narrativa comercia con la filosofía” (SAER, 1999, p. 17). A relevância dessa ideia está no fato de que um dos grandes problemas da Filosofia e, também, da Literatura, situa-se na relação que se estabelece entre sujeito e objeto. Essa discussão acompanha toda a discussão filosófica e, no caso da Literatura, muitas vezes, representa aquilo que é investigado pela Filosofia. O importante de tudo isso é que a concepção de ficção de Saer enxerga a Literatura como um campo de vivência, acima da mera representação da experiência.

Retomando a afirmativa saeriana – registrada anteriormente –, há, em seguida, a conclusão de que “[...] la noción de objeto está em el centro de todo relato de ficción” (SAER, 1999, p. 17). A relação da Filosofia com a ficção é ratificada por Saer e essa perspectiva está presente, principalmente, em *La grande* (2005), quando uma das personagens perscruta o mundo por meio de um investigador filosófico. Saer defende que a noção de objeto presente na Filosofia também se revela na ficção; mais especificamente, no “modo de ser de la ficción narrativa” (SAER, 1999, p. 17). É esse modo que será discutido em “La narración-objeto”, ou a própria conceituação do termo “objeto”. Observa-se um giro no sentido daquilo que se concebe como objeto, a noção é extraída do próprio gesto narrativo. Esse modo de feitura do texto é explorado, por Saer, no sentido de como se posiciona o escrevente no momento em que capta o mundo pela escrita. A posição já não engloba apenas a relação primária entre sujeito e objeto, mas o posicionamento do “narrador” frente ao mundo que discute, investiga e coloreia.

A abrangência do conceito *narración-objeto* se desenvolve em duas frentes, que posteriormente se complementam. A primeira está no projeto estrutural de segmentar os elementos que compõem os textos, em trabalho que objetiva denunciar a singularidade da ficção. Essa tarefa exaustiva nomeia e classifica os textos, tendo em vista a sua composição. Nesse polo, o texto é um objeto e, como todos os objetos do mundo, é composto por elementos. Na segunda perspectiva do conceito, o foco se volta para a funcionalidade do relato; prioriza-se o aspecto da ficção – da relação com o mundo –, em contraponto com os outros tipos de discursos. O ensaio de Saer, então, apresenta esse gesto duplo que busca não somente descrever o texto como objeto, mas, também, defender que o grande projeto dos relatos está em referenciar, de determinada forma, o mundo. No esquema de envolvimento entre os dois termos, a narração é a forma em que se referenciam os objetos do mundo.

Adentrando a segunda perspectiva teórica, a discussão saeriana aborda o problema do texto e de seu referente ou como os objetos do mundo são referenciados. O problema da linguagem é posto em relevo, a questão é sondar os limites das formas de

representação. Ravetti sublinha a postura de Saer de diferenciar tipos de textos – relato e discurso –, como forma de reclamar uma peculiaridade intrínseca aos relatos ficcionais. Essa singularidade dos relatos reside na liberdade concedida ao campo da subjetividade:

[p]arte do risco de acabar sendo servente da escrita oficial se apoia na pretensa necessidade de unir texto e referente, aceitando a condenação a um realismo estereotipado. Como mercadoria, a prova da qualidade do sentido está dada, na contemporaneidade, pela *funcionalidade*, que seria a forma mais clara da razão de ser de um objeto. É evidente que Saer se rebela contra esse mandamento. A tarefa de todo narrador, diz, é invalidar essa ordem decorrente de uma lei sem sujeito explícito... (RAVETTI, 2011, p. 61).

Como reiteradamente se observa, quando Saer se dispõe a discutir a narração, um dos seus primeiros passos é deformar os limites entre realidade e ficção, defendendo que o que lhe interessa é a forma de transmissão dos acontecimentos e não se eles, de fato, ocorreram: pensamento que ele anuncia em seus ensaios, como prerrogativa de discussão. É esse aspecto de construção e de estruturação dos elementos – que compõem o relato – que cativa Saer, sendo defendido como uma das perspectivas da noção de objeto. Da mesma forma que outros objetos se formam a partir da reunião de elementos, a narrativa, segundo Saer apresenta-se como um construto de dois elementos: “[...] una serie de representaciones estilizadas por los signos arbitrários del lenguaje y cierto número de marcos convencionales que suministra el género elegido” (SAER, 1999, p. 18). O primeiro elemento acentua o gesto representacional da linguagem; o segundo, por seu turno, revela o posicionamento do escrevente em relação à sua produção. Nesse último, a pergunta que se procura responder é qual a função do texto escrito, enquanto no primeiro elemento, se acentua a própria produção ou como transformar o sentir – a vivência – em signos.

A partir disso, Saer apresenta uma das teses do ensaio: a diferença entre discurso e relato. Segundo ele, o discurso se compõe de uma “serie de universales” e, por outro lado, o relato se mostra como um processo de “figuraciones particulares”. Observa-se, aqui, que o aspecto subjetivo do conceito ficcional se apresenta, também, no bojo da concepção de relato; ou seja: sendo o relato o campo do ficcional, a presença da subjetividade é uma certeza. É como se fosse impossível falar de ficção sem atingir esta nuance da representação: a presença do homem. No ensaio “El concepto de ficción”, analisado anteriormente, a subjetividade foi apresentada como o próprio conceito de ficção ou como movimento humano de exploração do mundo. Por seu turno, em “La narración-objeto”, o aspecto de construção assinala o viés da subjetividade, no ato de concatenar, no processo de modulação dos dois elementos da narrativa. Parece que, diferente do discurso, em que

**MOTA, R.A.**

os elementos são mais rígidos, o relato se descobre por essa estreita dependência de uma significação subjetiva. Enquanto o discurso se molda dentro de padrões objetivos, o relato apresenta em seu bojo o aspecto individual, subjetivo.

Na conclusão da diferenciação entre relato e discurso, Saer aceita a ideia de que os próprios universais possam ser considerados como objetos. Assim, enxerga-se, também, nesse bloco, a dependência do sujeito no sentido de condicionar o discurso. Segundo ele, essa concepção dos universais favorece sua tese da narração-objeto e, ainda mais, intensifica a indeterminação entre realidade e ficção, porque intensifica a relação entre esses dois núcleos; ou seja: na medida em que é indiferenciado o grau de participação do sujeito no texto, releva-se uma determinada aproximação entre o discurso e o relato. A crítica de que os “universais” sejam, também, objetos é acompanhada por uma explicação do que seja objeto: “[...] entidades distintas de la mera subjetividad” (SAER, 1999, p. 18).

Apesar de Saer identificar no elemento “particular” a essência do relato, é no processo de estruturação dos dois elementos apresentados anteriormente que o conceito de objeto é justificado. Assim, objeto apresenta-se como um elemento que é disposto de determinada forma. O conceito de objeto depende da objetivação do sujeito: a questão está no fato de que somente a liberdade do homem possibilita a objetivação das coisas. Quando Saer cogita que os universais possam ser objetos, a questão que se desvela é que a apresentação dos universais recebe uma formatação própria mesmo no interior do discurso. A objetivação da narrativa está na construção, no movimento de ordenação dos elementos. Percebe-se, então, que Saer teoriza na busca por balizar aquilo que formaliza como conceito de sua ficção.

Posteriormente, Saer esclarece, mais pontualmente, a diferença entre discurso e relato: “[...] [s]i el discurso se presenta a si mismo como abstracto, unívoco e inteligible, el relato, en cambio, es más bien una simulación de lo empírico [...] siempre tendrá tendencia a constituirse como una especie de construcción sensible” (SAER, 1999, p. 19). O caráter de “simulação do empírico” evidencia o aspecto ficcional do relato e o processo de objetivação dos elementos da narrativa põe em relevo o gesto enunciativo. A liberdade que o relato concede à expressão do enunciador ou ao ato de recortar o empírico não se efetua mediante a promoção da imagem do enunciador no relato, mas como processo, como articulação de elementos. A escolha e a seleção são o gesticular subjetivo no projeto de construção do objeto, característica que pende mais ao ambiente do relato que ao do discurso. Quando se aceita o movimento de objetivação dos universais – no caso do discurso –, o que se frisa é o gesticular de uma subjetividade. Essa subjetividade está

**MOTA, R.A.**

aquém ou além da progressão de uma subjetividade marcada ou se distancia da mera manifestação do enunciador no texto. O aspecto de “construcción sensible” do relato tem por base a estruturação dos materiais, por meio do ato de eleição daquele que enuncia o texto. Há variantes múltiplas nesse engajamento da subjetividade, porque o ato de objetivação das coisas é visualizado nas duas formas de apresentação do texto: tanto no relato como no discurso.

A diferença entre o manuseio dos universais e o estruturar dos elementos do relato é, assim, desenvolvido por Saer: “[...] [c]uando finge que es verdadera, la ficción finge una realidad no de discurso, es decir de una concatenación de universales, sino de objeto, o sea una organización singular de atributos particulares” (SAER, 1999, p. 20). A abrangência dos termos “atributos particulares” é incomensurável, uma vez que não se pode sondar os limites da subjetividade vinculada ao projeto de execução da obra ou ao jogo entre o objetivo e o subjetivo. Essa relação com o sentido não se limita ao processo de construção, porque a recepção, também, se favorece da ampla abertura hermenêutica. É na recepção que os elementos do relato se apresentam como que ordenados e o leitor tem, nesse momento, a abertura para sua tarefa “especulativa”. Em muitos sentidos, o relato se apresenta com essa vitalidade especulativa: “[...] el objeto narrativo en cambio vivifica el eterno presente del relato con la sustância gruesa de las cosas particulares” (SAER, 1999, p. 22). É impossível equacionar os limites da subjetividade de um texto, tendo em vista a participação de pelo menos duas pessoas no processo enunciativo: autor<sup>5</sup> e leitor. Essa promoção das coisas particulares ou do próprio acontecer se dinamiza em múltiplos vetores, em tentativa receptiva de recobrimento de seu sentido.

O segundo ponto sublinhado por Saer – nessa perspectiva de objetivação – é a postura do relato frente ao mundo. A questão da representação emerge na reafirmação da autonomia do relato: essa autonomia é encontrada nas variantes do movimento especulativo ou da subjetividade. A autonomia se firma na promoção de variantes ou nos chamados *enigmas*, que se gesticulam por intermédio das estruturas do relato. É salutar essa independência do objeto ou sua abertura, em perspectivas, para aqueles que se debruçam sobre ele. Os enigmas<sup>6</sup> favorecem a autonomia do relato, na medida em que desvelam “os seus elementos particulares”: é nessa manifestação do “particular” que o relato se exime de uma variante desprestigiada do conceito de “objeto”.

---

<sup>5</sup> Para Premat (2002, p. 281): “La figura del autor se dibuja como una fortaleza de sentido inexpugnable, y el papel del lector como el de una pesquisa ante un misterio”.

<sup>6</sup> No ensaio *La narración-objeto*, Saer afirma que os enigmas são variantes da forma de contar uma história. O enigma, então, está em conexão com a própria subjetividade ou designa o próprio conceito de ficção para Saer, já que este é defendido como a prospecção do humano. O valor metaficcional do texto ficcional saeriano se enuncia no próprio enigma, na importância de consolidação e exploração da forma ficcional, no interior da própria ficção literária.

Saer quer se distanciar da vertente, da concepção de “narração-objeto”, como uma “espécie de produto industrial”. A ausência dos chamados “elementos particulares” figura como a principal causa do relato ser tomado como “produto” ou aquilo que é facilmente reproduzido. É a liberdade, presente no gesto enunciativo, e a realização estética que impedem a reprodução mecânica de sua formatação. A abertura para “especulação subjetiva” se apresenta como o eixo da singularização do relato, em todas as esferas das pessoas nele envolvidas. Como Ravetti afirma: “[...] [a]final, a estratégia para pôr em prática a contradição às leis do mercado passa por alcançar o universal sem sair do domínio rigoroso do particular” (RAVETTI, 2011, p. 62). Saer coteja alguns romances, que se assemelham em sua estruturação formal, e mostra como o pendor do “sensible” torna-os inconfundíveis. Assim, o conceito de relato contradiz a veiculação do termo “objeto” com a “indústria cultural”: o projeto de estranheza (na esfera da autonomia do relato) e de diálogo com a experiência do real contribui para que o relato seja um sempre metamorfosear. Saer promove a singularidade da ficção mediante a defesa da presença do enigma no relato: essa condição em que não se pode medir o grau de subjetividade na estruturação do próprio texto.

No encerramento do ensaio, Saer apresenta, mais diretamente, o conceito de “narração-objeto”, esclarecendo a concepção do termo “objeto”. A questão está na autonomia dada à narração, à sua independência em relação a fontes e influências; é sob esse aspecto que o relato se torna objeto:

[c]obran la misma autonomía que los demás objetos del mundo y algunas de ellas, las más grandes, las más pacientes, las más arrojadas, no se limitan a reflejar ese mundo: lo contienen y, más aún, lo crean, instalándolo allí donde, aparte de la postulación autoritaria de un supuesto universo dotado de tal o cual sentido inequívoco, no había en realidad nada (SAER, 1999, p. 29).

A princípio, o termo “narração-objeto” parece engessar a própria noção de relato ficcional; porém, na construção desse conceito, percebe-se o contrário: o apelo à autonomia preserva o movimento do relato ficcional. Observa-se, nesse termo, a preocupação em cortar as amarras do texto da relação com as pessoas do discurso; por outro lado, essa relação é, também, amadurecida, na medida em que Saer pontua uma concepção própria para o termo “objeto”. O movimento de objetivação subjaz à dependência do relato de uma subjetividade: algo é considerado objeto em razão a alguém. É sob essa óptica que o conceito de ficção, nesse outro ensaio saeriano, sublinha, também, o aspecto da subjetividade. Essa dependência de um sujeito se descobre não apenas no aspecto “especulativo” – como em “El concepto de ficción” –,

**MOTA, R.A.**

mas, também, no viés da autonomia – como em “La narración-objeto” –, em relação às pretensões de um sujeito específico.

[o] fundamento materialista da obra repele as convenções de um realismo simplista e ortodoxo e, pela escrita performática, pode vir a se enraizar na matéria experiencial para transformar esse magma em figurações e apresentações, transferíveis como vivências que contagiam mediante a “desfala” que pode dar início a outras falas, nas quais é necessário nomear, inventar os referentes para substantivá-los e torná-los verbo inteligível (RAVETTI, 2011, p. 63).

O ensaio “La narración-objeto” apresenta apuro no trabalho com a subjetividade em contraponto ao “El concepto de ficción”, na medida em que potencializa esse atributo. Não querendo aqui reduzir a abrangência do conceito de ficção saeriano, o que se percebe em “La narración-objeto” é uma releitura da relação antropológica do sujeito com o mundo. Saer não retoma o ensaio anterior *ipsis litteris*; contudo, mantém-se a preocupação de redefinir os horizontes da subjetividade no interior da ficção. A abertura deixada em “El concepto de ficción” para a projeção do homem é atualizada no conceito de “objeto”. Nesse, a presença do homem se distancia da “mera subjetividade”, porque o objeto se perfaz pela autonomia. A dependência em relação ao homem está no seu caráter de objeto, na necessidade de uma “organización singular de atributos particulares”. Essa presença dos atributos particulares caracteriza o lugar do homem, na função de seleção e de ordenação dos elementos. Não querendo reduzir-se a uma impactante sujeição aos desígnios do enunciador, Saer provoca o conceito de ficção, denominando-o “objeto”: relato que depende e independe do homem, dado o seu caráter autônomo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Cumprido pontuar que essa recorrente preocupação saeriana com o conceito ficcional ou com a discussão crítica dos aspectos ficcionais do relato é explicada, pelo próprio autor, na introdução de *La narración-objeto* (1999). Como escritor de ficção, Saer defende que o seu interesse por essa discussão vem do próprio manuseio do texto ficcional:

[...] [n]o es desde luego obligatorio que un autor de ficciones escriba textos críticos que, a menudo, a pesar de su tono objetivo, no reflejan más que sus hábitos, e incluso sus prejuicios disfrazados de conceptos. Pero nada ha sido dado de una vez y para siempre, sobre todo en literatura, lo que puede permitir – ha ocurrido más de una vez – que esos hábitos y esos prejuicios transformen, para su autor al menos cuando los pasa en limpio, las premisas del arte (SAER, 1999, p.11).

A relação de Saer com a crítica literária ultrapassa os limites de seus ensaios. Como se afirma inicialmente, os romances e mesmo o seu livro de poesia condensam

**MOTA, R.A.**

uma discussão reiterada do seu envolvimento com a ficção. É como se Saer se provocasse no próprio universo ficcional, ou se questionasse, a respeito dos padrões de formatação do seu relato. Essa idiossincrasia é apenas de fachada, já que a discussão envolve uma linha de pensamento teórica e filosófica. Os ensaios “El concepto ficción” e “La narración-objeto” apresentam uma discussão teórica mais sólida sobre o conceito de ficção. Sendo que o segundo ensaio desenvolve mais pormenorizadamente o conceito, trabalhando a noção de subjetividade que ancora a definição desenvolvida em “El concepto de ficción”. Ou melhor: é por meio do enxergar o texto ficcional como “narración-objeto” que Saer desenvolve a relação de interdependência entre os termos objetivo e subjetivo no universo da ficção. “La narración-objeto” é, então, aquele ensaio que revisita “El concepto de ficción”, pondo em movimento a própria noção de subjetividade, defendendo que esta é condicionada no e pelo objeto, ou seja, na narração.

A distorção dos limites entre ficção e crítica, ou o autotematismo ficcional, corrói as fronteiras entre esses dois universos, problematizando o lugar do real. Saer, em um primeiro movimento, discute a ficção em ensaios que visam desmentir a sua diferença com a realidade. No ambiente dos textos ficcionais, o problema aparece como uma inflação das filigranas da realidade, potencializando a sua relação com o mundo. A suspensão da diferença entre esses dois tipos de textos relativiza uma padronização ou um distanciamento entre eles. A importância disso está no fato de que Saer consegue urdir um universo próprio de junção da prática e da teoria. Sua inveterada posição contra purismos objetivo e subjetivo nos ensaios e na ficção, respectivamente, movimentam a própria noção de realidade. A circularidade seria a poética saeriana por excelência, um inveterado movimento de experimentação de ideias, lugares e personagens.

Premat aponta como problemática mais aguda dos textos saerianos “una relación dramatizada com el sentido”<sup>7</sup>. É evidente a movimentação das personagens em busca de consolidar uma ideia. O gesto é estéril, na medida em que, na mesma proporção em que se estendem os sentidos sobre a matéria, o sujeito é repellido pela impossibilidade de percepção do todo. Há uma pulsação do sujeito no sentido de se recobrir o objeto e, por outro lado, há um escoamento da coisa da percepção total, o que acarreta a própria anulação ou extensão do contato. O sujeito se movimenta entre a imersão e a reversão no objeto e, por causa disso, o relato se caracteriza entre o apuro descritivo e o escape narrativo. Logo, ao analisar a relação entre os ensaios “El concepto de ficción” e “La narración-objeto”, o primeiro objetivo foi sublinhar as questões teóricas mais importantes da obra de Saer, discutidas, potencialmente, nesses ensaios.

---

<sup>7</sup> PREMAT, 2002, p.14.

**MOTA, R.A.**

Questões relevantes que efetivam o movimento do conceito de ficção, como: a nuance de subjetividade no interior do texto, a promoção da relação entre sujeito e objeto e as formas de representação dessa relação.

Mediante o exposto, percebe-se o movimento do pensamento teórico saeriano, na relação entre teoria literária e filosofia, ou como o escritor, dialeticamente, aproxima esses dois campos de conhecimento. Esse gesto serve para relativizar distâncias, ao mesmo tempo em que legitima uma discussão aprofundada de termos literários. O teor filosófico é encontrado, principalmente, no último ensaio aqui discutido, “La narración-objeto”, que expõe a relação entre sujeito e objeto por meio da linguagem ou da concepção saeriana de relato e de discurso. Quando se foca no conceito de ficção, tem-se que o cerne da questão é a liberdade (humana) que o texto literário propicia para a discussão do próprio mundo. Saer lança-se em uma estética espacial, aproveitando-se dos vários gêneros de sua escrita para desenvolver uma discussão teórica. Esse movimento objetiva redefinir a função da ficção – o seu espaço e a forma de representação desse lugar – projeto que é desenvolvido em duas frentes: nos textos críticos-teóricos e no interior da própria ficção.

#### **REFERÊNCIAS:**

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. 562 p.

FERREIRA, Diego Augusto Gonçalves. Guilherme de Ockham: Paradoxo medieval e paradigma moderno. In: **Pensar: Revista Eletrônica da FAJE** v.7 n.2, 2016, p. 275-291.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da literatura em suas fontes**. 2. ed.. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002. v.2, p. 955-987.

MOTA, Raquel Alves. O conceito de ficção: o diálogo de Saer com Iser. *ReVeLe*, n. 2, Jan/2011, p. 1-10.

PREMAT, Julio. **La dicha de Saturno**: escritura y melancolía en la obra de Juan José Saer. Rosario: Beatriz Viterbo, 2002.

RAVETTI, Graciela. **Nem pedra na pedra, nem ar no ar**: reflexões sobre literatura latino-americana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SAER, Juan José. **El río sin orillas**. 2. ed. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1994.

\_\_\_\_\_. **El concepto de ficción**. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1997.

\_\_\_\_\_. **La narración-objeto**. Buenos Aires: Seix Barral, 1999.

\_\_\_\_\_. **La grande**. Buenos Aires: Seix Barral, 2005.

SCAVINO, Dardo. **Saer y los nombres**. 1ª ed. Buenos Aires: El cielo por asalto, 2004.

MOTA, R.A.

**Como citar este artigo (ABNT)**

MOTA, R.A. A Crítica Saeriana nos Ensaio “El Concepto de Ficción” e “La Narración-Objeto”: A Ficção como Jogo Entre Subjetividade e Objetividade. SELL, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

**Como citar este artigo (APA)**

Mota, R.A. (2020). A Crítica Saeriana nos Ensaio “El Concepto de Ficción” e “La Narración-Objeto”: A Ficção como Jogo Entre Subjetividade e Objetividade SELL, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.